

FUTURO LISBOA.

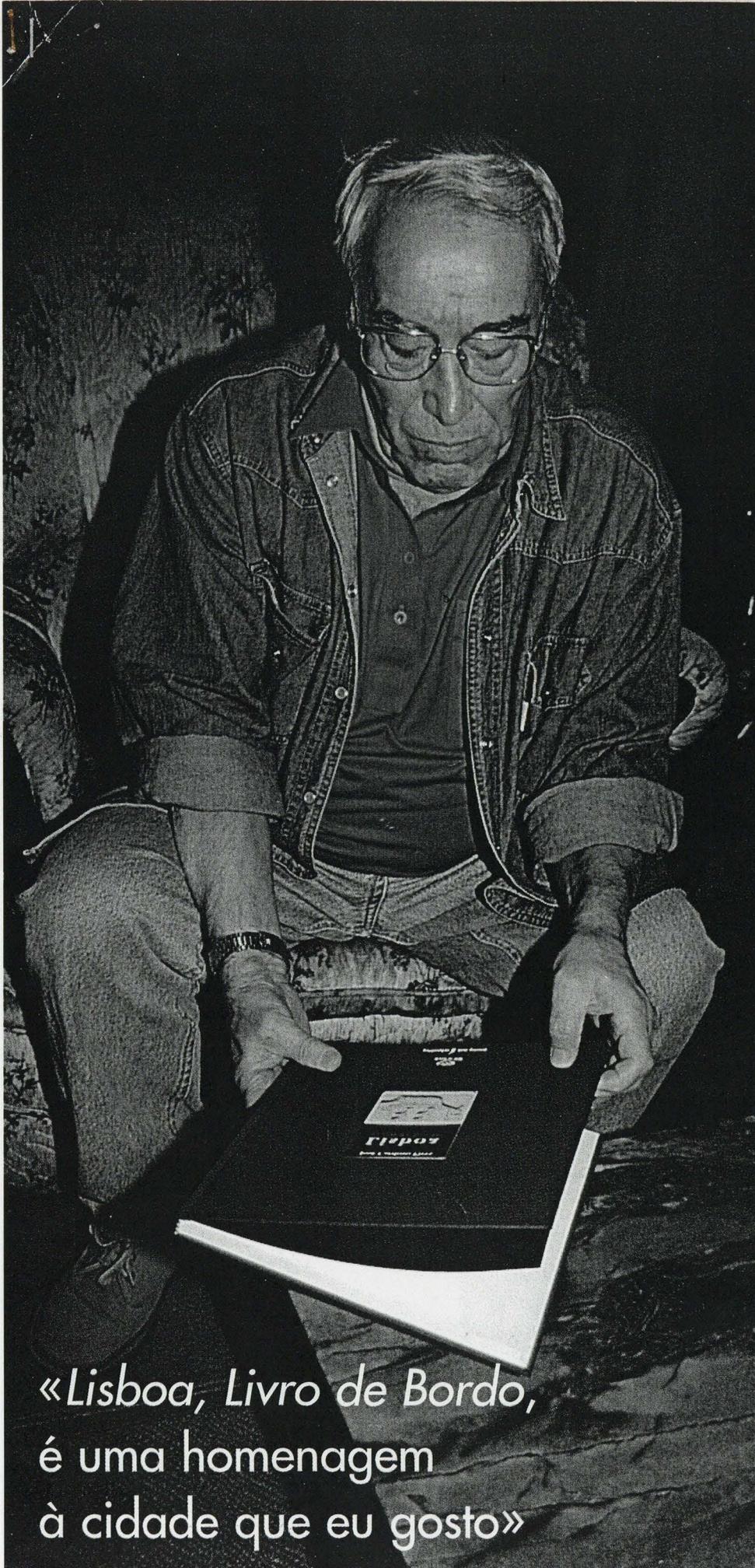
OUTUBRO - 1997

Começaria a nossa conversa pelo tema central do seu último livro: "Lisboa, Livro de Bordo". Parece-me uma obra onde está patente alguma nostalgia por uma cidade que já não existe. É correcta esta observação?

Não. É uma abordagem muito pessoal da cidade, sem ser nostálgica. A Lisboa de hoje é muito melhor do que a Lisboa da minha infância. *Naquele tempo era uma cidade adiada, na mão de militares de caserna, como Maia Loureiro ou França Borges.* O resultado de tudo isso sentiu-se na forma, bastante negativa, como se projectou a cultura, com exemplos marcantes na produção arquitectónica e escultórica. *Lisboa foi uma cidade que sofreu como ninguém o impacto de uma ditadura*, que atrasou a sua adaptação às exigências contemporâneas.

Não tem receio de que o primado da cidade-cimento possa pôr fim a coisas que ainda é possível encontrar em Lisboa, e que fazem parte da sua própria identidade cultural?

As coisas não se perdem todas, vão é mudando de uma forma gradativa, sem rupturas. Quando digo que gosto mais da Lisboa de hoje, estou a lembrar-me que o ambiente na época favorecia o mau gosto e a manutenção da cidade com estatuto de aldeia. De resto, o conceito de cidade tinha que corresponder ao conceito de vida. E o conceito de vida era um conceito rural e pa

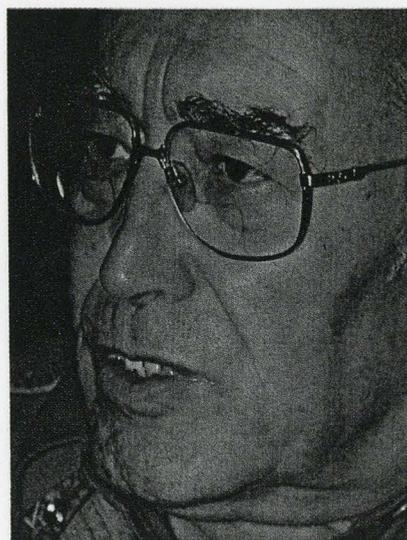


«Lisboa, Livro de Bordo,
é uma homenagem
à cidade que eu gosto»

JOSÉ CARDOSO PIRES

UMA LISBOA MUITO PESSOAL

José Cardoso Pires não precisa de apresentações, mas é sempre muito estimulante ouvi-lo, particularmente no momento em que é dado à estampa um novo título da sua vasta obra literária. "Lisboa, Livro de Bordo", é uma homenagem à cidade, nas palavras do autor, recolhidas ao longo de uma entrevista que serviu também de pretexto para passear a



ternalista, no pior sentido. *Os responsáveis políticos não tinham gosto cidadão, como orientação. E a cidade correspondia a essa mentalidade provinciana. Hoje, é evidente que já não é assim, embora a herança seja pesada.*

Associada a essa opinião crítica está, implicitamente, um reparo à vida cultural da cidade. O que é que mudou neste campo, para além da existência de novos espaços, como a Culturgest, a Casa Fernando Pessoa e o Centro Cultural de Belém?

Acho que tem sido feito um esforço global no sentido da mudança. Relativamente ao CCB, devo dizer que

memória pelo imaginário de uma cidade "que não foi devidamente prestigiada", no passado. Exigente quanto à qualidade da produção cultural lisboeta, crítico das opções estéticas dos autores oficiais do Antigo Regime que conceberam uma cidade provinciana, amante de uma Lisboa das "mil cores". Eis José Cardoso Pires, em discurso directo.

não gosto da sua excessiva volumetria e da decisão de o implantar naquele lugar, prejudicando um dos grandes e raros monumentos nacionais existentes - os Jerónimos - uma obra excepcional. Por dentro, acho-o muito bom e capaz de corresponder às expectativas do público.

Apesar das críticas formuladas quando da sua construção, os lisboetas procuram-no nos seus tempos livres. É sinal de que acontecem coisas interessantes do ponto de vista cultural...

Tem havido, da parte dos dirigentes que tutelam essa área, a preocupação em quebrar tabús e avançar. Depois do 25 de Abril, houve duas eta-

pas culturais, no sentido mais amplo da palavra. Uma fase espontânea e algo desarticulada, mas criativa e fortemente produtiva. E outra, ao tempo do eng. **Krus Abecassis**, que tinha um conceito de cultura perfeitamente provinciano. Era uma nova versão dos França Borges, defensora de um paternalismo autoritário, carecido de formação. Agora estamos numa outra fase, já mais estável, onde a qualidade e a gestão coexistem no benefício da oferta cultural.

Voltando ao seu livro. Não sendo uma visão sentimental da cidade, é no entanto um repositório de nomes (Pessoa, O'Neill, Hogan) e de lo-

cais com dimensão humana, sugerindo uma grande preocupação pela humanização da cidade ...

Quando se ama uma cidade, encontramos, quer queiramos, quer não, bocados de nós próprios em cada rua. *Só se apreende uma cidade, na minha opinião, quando se está em cumplicidade com ela.* E não quando se faz um "City Tour" qualquer. Neste caso, trata-se de uma abordagem muito pessoal. Repare que falo muito pouco dos monumentos da cidade. Nem sequer falo, por exemplo, num excepcional monumento que a cidade possui: o **Aqueduto das Águas Livres**. Falo mais nas pessoas. Há uma outra coisa espantosa que não tem sido valorizada, que é o **Metroropolitano**. É um dos raros Metros, das cidades que conheço, que revela uma **face da cidade**. **Não é um comboio cego. É uma série de estações de arte** que nos chama a atenção para a Lisboa que está por cima. Veja-se a decoração de **Resende**, na estação de **Sete Rios**, que nos lembra um outro zoo. Essa complementaridade é fundamental, permitindo integrar o indivíduo no seu percurso.

Este seu discurso leva-nos à necessidade da mudança de mentalidades e de uma nova atitude estética que permita estruturar uma mudança cultural definitiva ...

Não há dúvida nenhuma que **existe hoje uma atitude cultural muito diferente em relação à cidade**. Lembrar-lhe-ia, neste contexto, a atenção que os lisboetas dedicaram ao incêndio do Chiado. Ouvei comentários de cidadãos anónimos sobre a cidade queimada, como sendo uma coisa deles. Este empenhamento de uma população na defesa da sua cidade, é qualquer coisa rara. Isto mostra que, **apesar de tudo, mesmo para os mais pessimistas, o lisboeta existe.**

Pode então dizer-se que "Lisboa, Livro de Bordo" é, definitivamente, uma homenagem à cidade ?

Claro que sim. É uma homenagem neste sentido: é a cidade de que eu gosto. É aquela que está mais dentro de mim. Mas é evidente que, se reparou no sub-título, é uma atitude muito pessoal em relação à cidade. *O que é que eu prezo na cidade ? O seu humor. A voz da cidade. Isto é, a sua sintaxe.* A construção da frase corresponde a uma construção do humor lisboeta. Que é muito

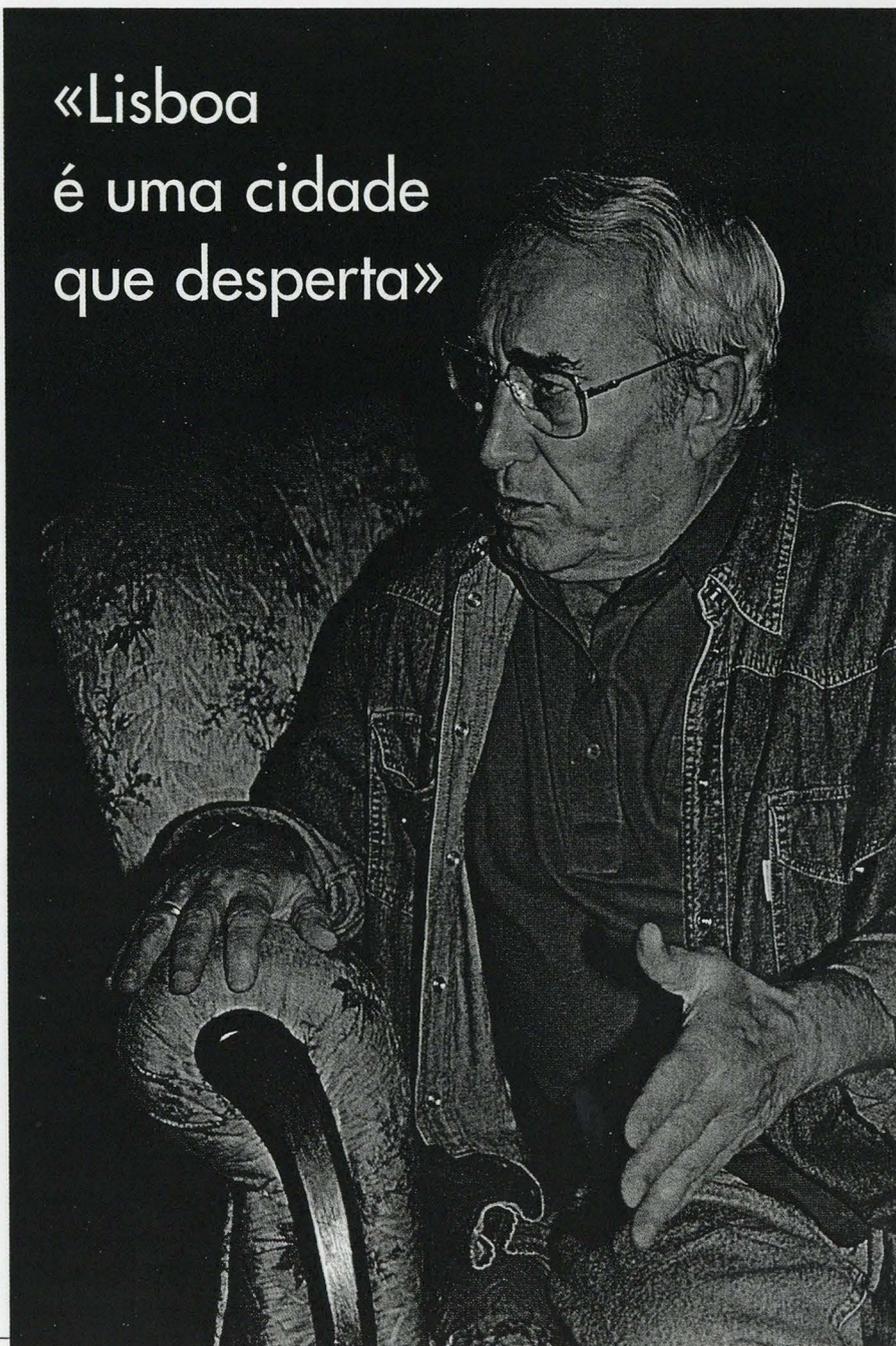
típico. Mesmo excepcional. São esses aspectos da cidade de Lisboa que, parece-me, não têm sido muito abordados. Como vê, é uma abordagem muito pessoal....

Que é preciso preservar...

Acho que sim. Essas coisas são fundamentais. E há outras que é preciso rever.

Pensa que a produção editorial, histórica e contemporânea, sobre a cidade, é suficiente para acompa-

«Lisboa
é uma cidade
que desperta»



nhar a sua projecção como grande centro europeu de cultura ?

O que é mais significativo é saber-se que as edições sobre Lisboa, em parte privadas, são muitas e, algumas delas, de grande qualidade. Depois, há uma **Biblioteca Pública** e uma **Livraria Municipal**. No âmbito das exposições, o **Palácio Galveias** tem hoje uma acção cultural muito mais intensa, do que teve no passado sombrio, sem vida própria. Nada disto surpreende, se atendermos ao empenhamento da população na discussão dos problemas urbanos. *A cidade de Lisboa é uma cidade que desperta*. E espero que se mantenha essa atitude, sem ser à custa da instigação clubista, como se passa noutras cidades.

Para si, o que vale a pena destacar em Lisboa, comparando-a com outras cidades europeias. Há o sol, a luminosidade, características tão referidas por viajantes que nos procuram...

Como sabe, este livro tem quatro edições estrangeiras (Itália, França, Alemanha e Espanha) a sair já, e outra, a edição inglesa, a publicar brevemente. Nas críticas que apareceram, quer em Itália, quer na Alemanha, precisamente, o que eles salientaram foi que este livro identifica Lisboa como uma cidade com um carácter próprio, que não é só o Tejo, a luz ou a cor. Evidentemente, isso é importante. Simplesmente, o mal está quando se começa com definições rígidas sobre as coisas. É o que acontece com as cores. Lisboa já foi uma cidade branca, para um cineasta chamado **Tanner**, que fez aquele filme menor, incrível, sobre a vida da cidade.

Num curto espaço de tempo, "De Profundis" e "Lisboa, Livro de Bordo". A edição destas obras signifi-

ca o início de uma nova fase na sua actividade literária ?

Não necessariamente. Há oportunidades e disponibilidade para fazer as coisas de que gosto. Aliás, **todos os meus romances, com excepção do primeiro, são sobre Lisboa**. Este novo trabalho permitiu ainda identificar uma reduzida produção de qualidade, nomeadamente na pintura, quando comparada proporcionalmente com a importância e as ambições da cidade. Lisboetas, como o **Nuno Teotónio Pereira** e o **José Augusto França**, ficarão um pouco espantados, tal como eu também fiquei. Os quadros representados, que incluem obras do **Pomar** e do **Hogan**, entre outros, são todos os que encontrei. Curiosamente, o **Fado**, da **Paula Rego**, surpreendeu muita gente, porque pensavam que ela não tinha nada a ver com Lisboa. **Com o cinema, passa-se a mesma coisa. Dois ou três filmes bons.** Não é preciso o **Tanner** vir cá para se fazerem maus filmes sobre a cidade!

Porque é que isso acontece ?

Acho que isso acontece, fundamentalmente, porque a cidade não estava devidamente prestigiada. Isto é um pouco arrogante, mas penso que é isso. **Stuart Carvalhais** fez, por exemplo, desenhos maravilhosos, mas não passou disso. Depois o **Mário Elói**, que é um genial pintor, fez coisas que têm mais a ver com a cenografia, tal como fez **Almada**, que era um grande escritor, na **Gare Marítima**. Outro elemento valorizativo da cidade encontra-

se no elogio feito pela **Vieira da Silva**, sob a forma de retrato metafórico, quando a compara com o azulejo-espelho. Ela chamou a **Lisboa**, a **cidade azul**, aludindo aos azulejos. Cujas representação mais clássica é, precisamente, o azul. Fala-se muito também no **ocre pombalino**. Mas, por exemplo, uma das coisas que Lisboa - Capital da Cultura conseguiu, foi desmentir isso tudo. *A intervenção policromática a que foram sujeitos os prédios da Rua da Escola Politécnica veio cair em cheio na definição de Pessoa, que sempre falou na cidade das mil cores. Aquilo é Lisboa castiça*. Várias cores, extraordinariamente bem integradas. Estou bastante optimista relativamente ao futuro, apesar da perturbação actual provocada pelo ritmo de obras públicas em curso, que não deixa desfrutar plenamente a cidade. *Mas não há dúvida que, do ponto de vista cultural, tem-se dado uma atenção particular à divulgação, pouco habitual para aquilo que nos era dado apreciar, ainda não há muito tempo.*

